

Artefinal



Metamorfoses:

Livro I

Ovidio

217

Artefilosofia, Ouro Preto, n.7, p. 217-232, out.2009

Faz-me o estro dizer formas em novos corpos mudadas. Deuses, já que as mudastes também, inspirai-me a empresa e, da origem do mundo ao meu tempo, guiai este canto perpétuo.

Antes do mar, da terra e céu que tudo cobre, 5

a natureza tinha, em todo o orbe, um só rosto a que chamaram Caos, massa rude e indigesta; nada havia, a não ser o peso inerte e dispares sementes mal dispostas de coisas sem nexo.

Inda nenhum Titã iluminava o mundo, 10

nem Febe, no crescente, os chifres renovava, nem a terra pendia no ar circunfuso, suspensa no seu peso, nem, por longas margens, os seus braços havia espreado Anfitrite.

E como ali houvesse terra e mar e ar, 15

instável era a terra, a onda inavergável e o ar sem luz; a nada adería uma forma, e cada coisa obstava outras, pois num só corpo o frio combatia o quente, o seco o úmido, o mole o duro, e o peso o que não tinha peso. 20

Deus ou douta natura esta luta sanou,

pois do céu separou a terra, e desta as ondas, e do ar espesso um céu límpido discerniu.

E depois que os tirou do disforme conjunto, cada qual num lugar ligou, em paz concorde. 25

Do céu convexo, força ígnea e sem peso

surgiu e se alocou no mais alto da abóbada;

o ar, dela, se aproxima em leveza e lugar;

mais densa, a terra atrai os elementos grandes

e é premida por seu peso; a água circunfluida 30

ocupou o restante e cercou o orbe sólido.

Assim aquele deus, fosse qual fosse, a massa,

primeiro, dividiu em lotes e ordenou,

para que igual ficasse em toda a parte, dando 35

à terra a aparência de um imenso orbe.

Então o mar romper-se com os ventos rápidos mandou e circundar os litorais da terra.

Reuniu pântanos, fontes e grandes lagoas,

por entre sinuosas margens cingiu rios, 40

que em parte se absorvem em vários locais, em parte vão ao mar, e acolhidos no campo

de águas livres, em vez de margens, tocam praias.
Mandou dilatar campos, vales abaixar,
selvas cobrir de folha, erguer montes rochosos.
E, como há no céu duas zonas à direita 45
e outro tanto à esquerda e uma quinta mais tórrida,
assim um deus zeloso o globo dividiu
por igual, e outras tantas plagas tem a terra.
Por causa do calor, não se habita a mediana,
cobre duas a neve; entre ambas pôs as outras, 50
que, misturando fogo ao frio, temperou.
Cobre-as o ar, que tanto é mais leve que a terra
e a água, quanto mais pesado do que o fogo.
Lá as névoas, e lá as nuvens, pendurar
mandou, também trovões que aterram mente humana 55
e os ventos que, com raios, rabiscam relâmpagos.
O criador do mundo, entanto, não lhes deu
a posse do ar ao léu; a custo, agora, impede-os
- embora cada qual assopre em sua rota -
de o mundo varrer, pois grande é a rixa entre irmãos. 60
Euro se foi à Aurora, aos reinos nabateus,
à Pérsia e às montanhas sob luz matutina;
Vésper e as praias, mornas pelo sol poente,
de Zéfiro estão perto; a Cítia e o Setentrião
Bóreas frio invadiu; a região contrária 65
se umedece de chuva e assíduas nuvens de Austro.
Em cima pôs o éter límpido e sem peso,
que nenhuma impureza terrena contém.
Logo que dispôs tudo em seus limites certos,
estrelas, muito tempo sob profundas trevas, 70
põem-se a cintilar na vastidão do céu.
Para que não houvesse lugar sem ser vivo,
astros e deuses moram em solo celeste,
coube aos peixes brilhantes habitar as ondas,
às feras coube a terra, o ágil ar às aves. 75
Um animal mais nobre e mais inteligente,
que dominasse os outros, ainda faltava.
Nasceu o homem, ou fê-lo com sêmen divino
o autor de tudo, origem de um mundo melhor,
ou a terra recém-separada do alto 80
éter retinha o sêmen do céu, seu irmão;
misturando-a à chuva, o nascido de Jápeto
plasmou-a à imagem de deuses potentes;
os outros animais, curvos, miram a terra,
ao homem, dando olhar sublime, o céu mirar 85
mandou e dirigi-lo, o porte ereto, aos astros.
Assim a terra, há pouco rude e disforme,
transformou-se em figuras inéditas de homens.
Primeva, a idade de ouro, sem ultor nem lei,
cultivava o direito e a fé espontaneamente. 90
Faltos de pena e medo, em bronze não se liam
ameaças, nem, súplice, a turba temia

juiz, mas, sem ultor, sentiam-se seguros.
 Dos montes não descera ainda o pinho às ondas,
 visitando o estranho orbe, e mortal algum 95
 dos outros litorais sabia, fora o seu.
 Fossos fundos ainda não cingiam muros;
 não havia clarim reto ou curva corneta,
 nem capacete e espada; e, sem usar polícia,
 as pessoas em paz fruíam doces ócios. 100
 A terra mesma tudo dava, sem impostos,
 intacta de rastelo ou arados quaisquer;
 contentes com os frutos dados sem esforço,
 colhiam o medronho e morangos silvestres,
 as cerejas e amoras nas moitas de espinho 105
 e as landes que caíam da árvore de Júpiter.
 A primavera era eterna e em sopros tépidos
 afagavam incultas flores calmos Zéfiros.
 Logo, intocada, a terra produzia grãos
 e o campo branquejava de espigas pesadas; 110
 ora corriam rios de leite ou de néctar
 e do verde azinheiro o louro mel brotava.
 Após Saturno ir ao tenebroso Tártaro,
 sob Júpiter surgia a idade de prata,
 inferior à de ouro e melhor que a de bronze. 115
 Júpiter encurtou a primavera antiga
 e, com inverno, outono inconstante, verão
 e primavera, ao ano deu quatro estações.
 Então o ar abrasou-se com ardores secos
 e por causa do vento o gelo se encrespou. 120
 Então surgiram casas. Casas eram grutas,
 galhos presos em córtice e arbustos densos.
 Enfim, em longos sulcos lançaram sementes
 de cereais e os bois gemeram sob o jugo.
 Em terceiro lugar veio a raça de bronze, 125
 de instinto mais feroz e dada a horríveis armas,
 porém, não criminosa. A de ferro é a última;
 logo assomou na idade deste vil metal
 todo o crime; o pudor, a verdade e a fé foram
 substituídos pela fraude e pelo dolo, 130
 por ciladas, violência e desejo de posse.
 Deram velas aos ventos ignorados pelo
 navegante e as quilhas há muito plantadas
 em montes altos em ignoto mar lançaram,
 e em terra antes comum, qual luz do sol e o ar, 135
 um cauto agrimensur demarcou os limites.
 Nem só colheita e grãos vindos da rica terra
 exigiam; porém adentraram-lhe as vísceras,
 e os bens que ela escondera na sombra do Estige
 foram desenterrados, provocando males. 140
 E já o ferro nocivo, e o ouro bem pior,
 surgira: e surge a guerra em que cada um brande
 em mão ensangüentada as armas crepitantes.

Vive-se da rapina, o sogro teme o genro;
o hóspede, o anfitrião; rara a paz entre irmãos. 145
Os cônjuges desejam a morte um do outro;
madrastas más fabricam venenos terríveis;
o filho anseia o fim prematuro dos pais.
Jaz vencida a virtude, e a virginal Astréia,
por fim, deixou a terra úmida de mortes. 150
Não era o alto éter mais salvo que a terra,
pois, contam, os Gigantes ergueram montanhas
até os astros, querendo o reino celestial.
Então o onipotente pai trincou o Olimpo
com raios e arrojou o Pélion Ossa abaixo. 155
Soterrados os corpos dos monstros nos montes,
a Terra, umedecida em sangue de seus filhos,
insufiou vida ao sangue ainda quente deles,
e, para que vestígio algum da estirpe houvesse,
deu-lhes a face de homens. Mas tal geração 160
os deuses desprezou e se mostrou violenta
e assassina: sabia-se nascida em sangue.
Quando o satúrnio pai do alto trono viu isso,
geme e, lembrando o torpe festim de Licáon,
fato recente ainda inédito, no espírito 165
concebe iras ingentes e dignas de Júpiter,
e convoca o conselho; que vem sem demora.
Existe em céu sereno uma sublime via:
Láctea chamada, de brancura bem notável.
Por lá os deuses vão até a casa real 170
do grão Tonante. À destra e à esquerda, os átrios
dos nobres deuses são, de porta aberta, honrados.
Outros locais a plebe habita; à frente ilustres
deuses potentes seus palácios dispuseram.
Este lugar, se me permitem a expressão, 175
ousaria chamar Palatino celeste.
Reunidos os deuses na mansão de mármore,
o próprio excelso, segurando o cetro ebúrneo,
terrível cabeleira agitou três ou quatro
vezes, movimentando a terra, o mar e os astros. 180
Depois, soltou, assim, palavras indignadas:
“Eu não me afitigi mais pelo poder do mundo
do que quando os angüípedes se preparavam
para lançar ao céu cativo os seus cem braços.
Pois, embora o inimigo fosse fero, aquela 185
guerra só dependia de uma raça e origem.
Agora, onde Nereu ressoe em todo orbe,
finarei a mortal raça. Juro por íferos
rios que correm sob a terra em bosque estígio,
que antes tudo tentei, mas, ferida incurável, 190
para salvar a parte sã, passe-se à espada.
Obedecem-me os semideuses, deuses rústicos,
ninfas, faunos, silvanos monteses e sátiros,
que, ainda não honrados no céu, deixaremos

certamente habitar as terras que lhes demos. Deuses, credes que aqueles estão bem seguros, quando o feroz Licáon prepara ciladas para mim que detenho e rejo o raio e a vós?” Comoveram-se todos e exigem castigo a quem fez isso. Assim, quando a ímpia mão quis findo em sangue de César o nome de Roma, atônito, o homem teve medo de uma súbita ruína, e todo o orbe se aterrorizou. Augusto, não te agrada a piedade dos teus menos que aquela a Jove. E, após ele abafar com mão e voz murmúrios, todos se calaram. Quando o clamor cessou sob seu régio poder, Júpiter rompe em novos termos o silêncio: “Licáon já cumpriu pena, descuidai disso; todavia exporei o seu crime e castigo: a infâmia dessa idade chegara aos ouvidos; desço do Olimpo, desejando-a fosse falsa, e, como um deus em forma humana, corro a terra. Longo seria enumerar quanta injustiça havia em toda parte: a fama não diz tudo. O horrendo Ménalo, covil de feras, vi, e o Cilene e os pinhais do gélido Liceu. Adentro então o paço do tirano inóspito da Arcádia, ainda sob a luz crepuscular. Dei sinais de que um deus chegara, e o povo a orar começa. Mas Licáon ri dos pios votos; e diz: “Verei se é deus realmente, ou mortal, com clara distinção e sem sombra de dúvida.” Quer me dar, sob sono profundo à noite, morte inesperada: agrada-lhe a confirmação. Não contente com isso, a um refém molosso corta o pescoço à espada, amoleceu-lhe parte dos membros semimortos em água fervente e assou a outra parte em postas sobre o fogo. Logo que as pôs na mesa, lancei chama ultriz contra o dono da casa e seus dignos penates. Ele foge e, aterrado, em campo silencioso, ulula, em vão tentando falar; ele próprio recolhe a raiva à boca e ávido de mortes volta-se contra o gado e se compraz em sangue. A veste se converte em pêlo e braço em perna; faz-se lobo e conserva algo da antiga forma: as mesmas cãs, o mesmo rosto violento, o mesmo olhar brilhante e um furor idêntico. Uma só casa pereceu, mas não a única a merecer: a fera Erinia reina ubíqua. Parece crime organizado! Possam todos sofrer a pena merecida (sentencio).” Uns aprovam e aplaudem o fremente Júpiter, outros apenas dão o seu consentimento.	195 200 205 210 215 220 225 230 235 240 245
--	---

Mas a perda do gênero humano condói
 a todos; qual será, perguntam, o futuro
 da terra sem mortais, quem levará incenso
 no altar, será a terra assolada por feras?
 Responde a tudo o rei dos deuses e os impede 250
 temer o que for, pois geração bem diversa
 daquela, de admirável origem, promete.
 E já ia espalhar raios por toda a terra;
 mas temeu o éter sacro receber as chamas
 e arder inteiramente ao léu o longo eixo 255
 Também, lembra que está nos fados vir o tempo
 em que mar, terra e o paço do céu arderiam
 em chamas e o conjunto do mundo ruiria.
 São depostos os dardos feitos por Ciclopes.
 Pena diversa apraz-lhe: o gênero mortal 260
 perder sob água, e envia temporais do céu.
 Logo, nas grutas de Éolo, o Áquilo comprime,
 e quaisquer ventos que afugentam nuvens densas,
 e solta o Noto. Que se evola em asas úmidas,
 com o rosto terrível sob escura névoa; 265
 barba cheia de chuva, escorrendo das cãs;
 brumas na testa estão; asas e seio orvalham.
 E, quando pôs a mão larga em nuvens suspensas,
 fez-se um fragor; e densas chuvas do éter caem.
 Íris, nuncia de Juno, em vestes coloridas, 270
 sorve as águas e leva alimentos às nuvens.
 Destroem-se os grãos, jaz ao chão o voto inútil
 do colono, e a labuta vã de um longo ano.
 Nem a ira de Júpiter se ateve ao céu,
 e o cerúleo irmão ajuda-o com águas. 275
 Chama os rios, aos quais diz, quando no palácio
 do soberano entraram: “Não é hora agora
 de tão longo discurso. Expandi vossa força;
 é preciso. Abri as comportas e, então,
 soltai todas as rédeas de vossas correntes.” 280
 Mandou; estes retornam e abrem boca às fontes,
 e, em abalado curso, atiram-se nos mares.
 O próprio deus feriu a terra com tridente;
 e ela tremeu e abriu o caminho das águas.
 Livres os rios vão pelos campos abertos; 285
 e arrastam árvores, searas, gado e homens;
 lares e santuários e objetos sagrados.
 Se alguma casa insiste em pé em tal desastre,
 onda mais alta irá cobrir o seu telhado,
 e as torres sumirão em turbilhões adentro. 290
 Nenhuma diferença tinham mar e terra;
 tudo era água, nem praia havia junto ao mar.
 Este ocupa a colina, aquele, adunca barca,
 e leva os remos onde há pouco havia arado.
 Outro navega sobre as searas ou tetos 295
 submersos, e há quem pesque peixe em alto olmo.

Com sorte fixa-se em virente prado a âncora, ou esmagam vinhedo as quilhas recurvadas e onde antes graças cabras pastaram a grama, agora informes focas repousam seus corpos.	300
Admiram bosques, casa e cidades, sob água, Nereidas; e os golfinhos nas selvas deslizam de altos ramos, e chocam-se contra os carvalhos. Lobo nada entre ovelhas; fulvos leões, tigres a onda arrasta; nem a força ao javali,	305
nem ao cervo submerso ágeis pernas ajudam, e ave errante caiu no mar, asas cansadas, depois de muito procurar pouso na terra. As águas do oceano as colinas cobriram e ondas insólitas os cumes percutiam.	310
A água não poupou quase ninguém e quem salvou-se dela, em longo jejum pereceu. A Fócida fez separava os Aônios dos confins do Eta, outrora, mas naquele tempo era parte do mar, solidão de águas súbitas.	315
Aí, monte de nome Parnaso dois vértices eleva até o céu, ultrapassando as nuvens. Param aqui Deucálion e a mulher, num barco pequeno, pois as águas encobriram tudo;	320
numes do monte, adoram, as ninfas Corícidas e a fatídica Têmis, que emitia oráculos. Não houve homem melhor, nem mais justo que ele; nem mulher mais temente aos deuses do que aquela. Júpiter quando viu o orbe inchar-se de pântanos e sobrar um só homem de tantos milhares,	325
e dentre tantas mil, uma mulher apenas, ambos tão devotados a deus e inocentes, as nuvens dispersou, levando a chuva Áquilo, e mostra a terra ao céu, como o éter à terra. Nem a ira do mar resta, e o senhor do pélagos, sem o tridente, acalma as águas e convoca	330
Triton cerúleo que flutua à superfície, ombro envolto em nativa púrpura e ordena soprar o búzio que ressoa e, dado o aviso, reunir ondas e rios. Ele empunha a oca trombeta, arredondada em espiral crescente,	335
trombeta que soprada no meio do mar enche de som as praias sob a luz de Febo. Quando tocou os lábios úmidos do deus de barba gotejante, e soa a retirada,	340
toda a água da terra e do oceano escuta, logo estancando todas as suas correntes. Já o mar ganha praia e leito os rios cheios, cuja água reflui, os montes aparecem; surge a terra, o chão cresce ao decrescer a água e após um longo tempo as florestas ostentam copas nuas e limo retido nos ramos.	345

Refeito estava o orbe. Após o vir deserto
 e desolado, envolto em silêncio profundo,
 com lágrimas, Deucálion assim diz a Pirra: 350
 “Ó irmã, ó mulher, sobrevivente única,
 a origem comum e o matrimônio uniram-nos,
 os perigos agora nos unem, pois somos
 nós dois, a ocidente e a oriente, a única
 população da terra; o mar tem as demais. 355
 Não estamos seguros quanto à nossa vida;
 ainda agora, as nuvens aterram-me a mente.
 Que ânimo, infeliz, terias se o destino
 te tirasse de mim? Como suportarias
 sozinha este terror? Quem te consolaria? 360
 Pois eu, crê-me, se o mar te tragasse, também
 te seguiria, esposa, até o fundo do mar.
 Que eu possa restaurar os povos com as artes
 paternas e infundir vida à terra refeita!
 Da estirpe dos mortais resta, agora, nós dois, 365
 exemplares de homens, por favor divino.”
 Dito isso, choraram. Decidem pedir
 auxílio celestial, inquirindo os oráculos.
 Sem demora, dirigem-se às águas do Céfiso,
 que, embora turvas, já corriam no seu leito. 370
 Dali, quando aspergiram as águas sagradas
 na veste e na cabeça, vão até o templo
 da augusta deusa, cujo teto estava sujo
 de torpe musgo e sem o fogo nos altares.
 Quando tocaram os degraus do templo, prostram-se, 375
 no chão e com temor beijam a pedra fria,
 dizendo: “Se vencidos pelas justas preces
 os numes abrandarem a ira dos deuses,
 dize-nos, Têmis, como reparar o dano
 e traze auxílio à terra submersa, boníssima.” 380
 A deusa comovida diz: “Deixai o templo,
 recobri a cabeça e desprendeí as vestes,
 e ossos da grande mãe atraí pelas costas.”
 Muito tempo aturdidos, rompeu o silêncio
 primeiro Pirra e não quer atender a deusa, 385
 pede perdão tremendo, pois teme ofender
 as sombras maternas, ao atirar os ossos.
 Entretanto repetem o dito do oráculo,
 e sobre o seu obscuro mistério meditam.
 O prométide, enfim, acalma a epimétide 390
 dizendo assim: “Ou falta a nós a perspicácia,
 ou algum sacrilégio intenta o pio oráculo.
 Terra é a grande mãe; as pedras são os ossos
 da terra, para trás lançá-las nos ordenam.”
 Mesmo tocada pelo augúrio do marido, 395
 a Titânia duvida e ambos desconfiam
 de ordens do céu; porém o que custa tentar?
 Distam-se, o rosto cobrem, desatam a túnica

e arremessam as pedras por sobre as pegadas. 400
 As pedras (quem, senão por tradição, creria?)
 vão perdendo a dureza e o rigor e amolecem,
 e quando amolecidas, elas se transformam.
 E logo que cresceram, ficaram mais brandas,
 de modo que se pôde ver formas humanas,
 ainda que inexatas, qual esboço em mármore, 405
 e muito semelhantes a rudes estátuas.
 Porém, aquela parte em sumo umedecida,
 de terra transformou-se em matéria carnal;
 e o que era sólido e inflexível virou ossos;
 aquilo que era um veio, veia se tornou; 410
 logo, graças aos deuses, as pedras lançadas
 pelo varão tomaram forma de varões
 e da mão da mulher surgiram as mulheres.
 Daí que, sendo espécie apta à dura labuta,
 damos prova de termos nascido das pedras. 415
 Os outros animais, em diversos formatos,
 a terra, por si mesma, gerou, quando o sol
 as águas esquentou, e a lama e aquosos brejos
 ferveram de calor e as fecundas sementes
 nutridas em vivaz chão, qual ventre de mãe, 420
 cresceram e ganharam forma com o tempo.
 Assim, quando o setênfluo Nilo os campos úmidos
 deixou e retornou ao seu antigo leito,
 e o limo novo ardeu-se sob etéreo astro,
 os lavradores acham nas glebas revoltas 425
 diversos animais, alguns mal-começados,
 no exato instante de nascer, ou incompletos,
 de membros imperfeitos, parte às vezes vive
 em corpo, em que outra parte ainda é rude terra.
 Pois, quando temperados, calor e umidade 430
 produzem vida e tudo deriva dos dois;
 e da luta do fogo e da água, o vapor cria
 tudo, e aos partos convém a união dos contrários.
 Logo após o dilúvio, a terra lutulenta
 se aqueceu com os sóis etéreos de verão 435
 e produziu inúmeros seres, em parte
 refazendo a antiga forma, ou novos monstros.
 Sem vontade, gerou-te, ó grandíssima Píton,
 e, incógnita serpente, aterravas os novos
 povos, pois ocupavas tanto espaço em monte. 440
 O deus arcífero que nunca usara armas,
 a não ser contra corças e cabras fugindo,
 matou-a, com mil dardos, e quase esgotou
 a aljava, vulnerando-a com negro veneno.
 Para que a tradição não esquecesse o feito, 445
 instituiu os célebres certames Píticos,
 nome oriundo da serpente derrotada.
 O jovem que, com mão, pés ou roda, vencesse
 lá, era honrado com um ramo de carvalho;

ainda não havia louro, e Febo ornava 450
 a frente e a longa coma com qualquer folhagem.
 Dafne penéia foi primeiro amor de Febo,
 nascido não do azar, mas da ira de Cupido.
 Délio, soberbo após ter vencido a serpente,
 vira-o dobrar o arco com a corda tensa: 455
 “Moço lascivo, por que portas armas fortes?”
 – disse – “isto convém aos meus ombros, pois posso,
 certo, ferir feras, como um inimigo,
 e com muitas flechadas matei Píton hórrida,
 cujo ventre pestífero um monte ocupava 460
 Contenta-te em, com teu facho, excitar não sei
 que amores, nem queiras tomar os meus louvores.”
 Diz o filho de Vênus: “O teu arco, Febo,
 tudo atinge, e a ti eu; como os animais valem
 menos que um deus, tua glória é menor que a minha.” 465
 Disse e, fendendo o ar com as céleres asas,
 pousou na umbrosa fortaleza do Parnaso
 e da aljava tirou dois dardos de diverso
 efeito; um afugenta, o outro atrai amor.
 Este é dourado e brilha na ponta afiada; 470
 aquele, obtuso, sob o cano contém chumbo.
 Com este alveja a ninfa penéia, com outro
 atravessa a medula e os ossos de Apolo.
 Este ama súbito; do amante aquela foge,
 se alegrando em caçar feras nas profundezas 475
 das selvas; ela, êmula da casta Febe;
 uma fita envolvia os cabelos revoltos.
 Muitos a cortejavam; ela os repelia,
 buscando os bosques ínvios, livre de marido,
 indiferente a Himeneu, a Amor, e a núpcias. 480
 Seu pai sempre dizia: “A mim deves, ó filha,
 genro; a mim deves netos, filha”, repetia.
 Ela, odiando, qual crime, as tochas do esposo,
 inunda o belo rosto de casto rubor,
 e prende os tenros braços ao colo do pai: 485
 “Como Diana, pai caríssimo, permite-me
 fruir de virgindade perpétua”, pediu.
 Ele, então, assentiu; mas o que queres ser
 à beleza repugna e teu corpo repele.
 Febo ama e ao ver Dafne deseja unir-se 490
 a ela; e o seu próprio oráculo o ilude.
 Tal como a leve palha que arde sem a espiga,
 ou a sebe queimada por tocha que acaso
 alguém aproximou ou lá deixou de dia,
 assim se inflama o deus, assim em todo o peito 495
 ardendo-se e nutrindo um estéril amor.
 Vendo os cabelos dela revoltos, nos ombros,
 diz: “Que tal penteá-los?” Vê os olhos dela
 brilhantes como astros, e os lábios que ver
 não é bastante; louva-lhe os dedos, as mãos, 500

os braços e antebraços nus pela metade;
 melhor julgando o que se oculta. Mais ligeira
 que a brisa, ela foge daquele que a chama:
 “Ó filha de Peneu, pára, não sou hostil;
 ninfa, pára. Assim, ovelha foge ao lobo, 505
 corça ao leão, à águia trepidantes pombas,
 cada qual ao rival; por amor te persigo.
 Ai de mim, se cáires e espinhos ferirem-te
 as pernas e eu te cause imerecidas dores.
 Áspero é por onde vais; mais devagar 510
 corre, não fujas, devagar eu mesmo irei.
 Pergunte a quem te apraz; eu não habito em montes,
 não sou pastor, não sou um rude guardador
 de rebanhos e reses. Não sabes de quem
 foges, por isso, insana, foges. Sou senhor 515
 de Delfos e de Claros, de Tenedo e Pátara.
 Júpiter é meu pai; o futuro, o passado
 e o presente desvelo. Ajusto o verso às cordas.
 Certeira é minha flecha, mas uma mais certa
 encheu meu peito ainda vago de feridas. 520
 Medicina inventei, chamam-me salutar
 em todo o orbe e tenho poder sobre as ervas.
 Ai de mim, o amor não se cura com as ervas,
 e estas artes a todos úteis não me valem.”
 Mais diria, se a filha de Peneu, fugindo, 525
 não lhe cortasse a fala, em louca correria,
 assim mesmo admirou-a; um vento contrário
 expunha-lhe a nudez, agitando-lhe as vestes,
 e a brisa para trás impele os seus cabelos;
 mais bela é fugindo. Mas o jovem deus 530
 renuncia à ternura e, tomado de amor,
 segue as pegadas dela, com passos ligeiros.
 Qual galgo que uma lebre em campo aberto avista,
 com patas quer prendê-la e ela se safar;
 ele, a ponto de alçá-la, espera tê-la em breve, 535
 e com focinho alerta a fareja de perto;
 ela temendo-se apresada, escapa aos dentes
 dele e àquela boca que se lhe escancara;
 tal a esperança impele o deus, e o medo a virgem.
 Mas o perseguidor, com as asas do Amor, 540
 é mais esperto e não se cansa e acoisa as costas
 da fugitiva e assopra-lhe o cabelo e a nuca.
 Ela, esgotada pelo esforço, empalidece
 com o labor da fuga e implora a Peneu:
 “Se os rios têm poder divino, pai, socorre-me! 545
 [Ó Terra, traga ou fere o que me traz feridas,]
 muda minha aparência, aprazível demais!”
 Mal finda a prece, invade-lhe um torpor os membros,
 seus seios tenros são por fina casca envoltos,
 dos cachos crescem folhas e ramos dos braços; 550
 pés tão velozes fixam-se em lentas raízes,

em seu rosto coberto, um brilho apenas resta.
 Entretanto, Febo segue amando; e pondo a destra
 no tronco, sente o peito tremer sob a casca
 e, os ramos abraçando, qual membros, recobre-o 555
 de beijos; mas o tronco se esquiva aos seus beijos.
 Diz-lhe o deus: “Já que não podes ser minha esposa,
 serás a minha árvore; sempre a terei
 nos cabelos, na cítara e aljava, ó loureiro;
 entre os chefes do Lácio ouvirás os alegres 560
 cantos e as triunfais pompas no Capitólio.
 Serás fiel guardiã do palácio de Augusto,
 e às portas estarás protegendo o carvalho;
 como jamais corto os meus cachos juvenis,
 com perpétua folhagem, serás sempre honrada.” 565
 Peã calou-se; e, inclinando a copa, feito
 frente, o loureiro, com seus ramos, anuiu.
 Há na Hemônia um bosque de mata fechada,
 chamado Tempe, ali onde o Peneu, saído
 do alto do Pindo, rola as espumantes águas, 570
 e na sua pesada queda produz nuvens,
 finas neblinas respigando sobre a selva,
 e seu ruído atoa mais que tudo em volta.
 Era ali a morada, o retiro sagrado
 do grande rio, em cuja caverna de pedras 575
 ditava leis às águas correntes e às ninfas.
 Primeiro aí rios locais se reuniram,
 hesitando ao pai dar os parabéns ou pêames,
 o Espérquio, rico em álamo, o inquieto Enipeu,
 o velho Eridano, o ligeiro Anfriso e o Eas, 580
 e logo os outros rios que vão para o mar,
 levados por correntes fartas de desvios.
 Só falta Ínaco, escondido em funda gruta,
 cujo choro seu curso aumenta, pois perdida
 tem a filha Io; não sabe se ela está viva 585
 ou junto aos Manes; vendo que ela não estava
 em parte alguma, ao peito vêm coisas piores.
 Vendo-a voltar do rio paterno, diz Júpiter
 a ela: “Ó virgem digna de Jove e que ao leito
 farias qualquer um feliz, chega-te à sombra 590
 deste profundo bosque (e lhe mostrou o bosque),
 enquanto faz calor e o sol atinge o zênite.
 Se temes entrar só no recanto das feras,
 segura irás ao fundo bosque com um deus,
 não qualquer deus, mas eu que o cetro celestial 595
 retenho em fortes mãos e lanço errantes raios.
 Não fujas.” Mas fugia e já os pastos de Lerna
 e os campos do Lirceu umbroso abandonava,
 quando o deus ocultou a terra em nuvem negra,
 interrompeu a fuga e arrebatou-lhe a honra. 600
 Juno, porém, deitou o olhar no meio de Argos
 e estranha ver névoa veloz formando noite

em dia claro e sente que ela não provém
nem dos rios, nem mesmo da terra molhada;
e olhou em volta de onde estava seu marido, 605
já que sabia de seus muitos adultérios.
E ao não vê-lo no céu, diz: “Ou eu me equívoco,
ou eu sou ultrajada; e descendo do éter,
parou na terra e ordena dissipar a névoa.
Prevendo a vinda dela, ele muda a filha 610
de Ínaco em uma vaca de pêlo brilhante.
Ainda assim é bela; admite, a contragosto,
Satúrnia, e perguntou, fingindo não saber,
de quem é, de onde vem, de qual rebanho era.
Veio da terra, mente Júpiter, cortando 615
a conversa. Satúrnia a pede de presente.
Que fazer? Entregar seu amor é cruel;
não fazê-lo, suspeito. Obriga-o o pudor,
e dissuade o amor. O pudor cede a amor;
mas se não desse a vaca de presente à esposa 620
e irmã, poria em dúvida ser mesmo vaca.
Dada a rival, a deusa não abandonou
logo todo o temor; receosa de enganos,
confiou-a a Argos, filho de Arestor.
Argos tinha em redor da cabeça cem olhos: 625
os quais dormiam dois a dois em cada turno,
os demais vigiavam, ficando de guarda.
Fosse qual fosse a posição, Io era vista;
ainda que de costa, em Io os olhos tinha.
Deixa-a pastar de dia; e quando o sol se põe, 630
ele impõe uma corda ao infeliz pescoço.
Ela alimenta-se de folhas e erva amarga,
e, em vez de leite, ela se deita na terra,
nem sempre à grama, e bebe nas poças de lama.
Súplice, ela não tinha como estender 635
os seus braços a Argos, mesmo se quisesse;
e, tentando queixar-se, emitiu um mugido,
e ficou aterrada ao som da própria boca.
Então, às margens, veio, onde antes brincava
sempre, às margens do Ínaco, e logo que viu 640
na água os novos chifres, fugiu assombrada.
O próprio Ínaco e as Naides desconhecem-na;
mas ela segue o pai e também as irmãs,
e deixa-se tocar por aqueles que a admiram.
O velho Ínaco lhe oferta ervas frescas; 645
ela lambe as paternas mãos, beijando as palmas,
e se, desfeito o choro, pudesse falar,
dizendo o nome e estado, pediria ajuda.
Com a pata fez no pó letras, em vez de fala,
expondo o triste indício de um corpo mudado. 650
“Infeliz de mim!” Ínaco, seu pai, exclama
e, abraçando a cerviz da nívea novilha,
“Infeliz de mim!”, geme; “não és tu a filha

procurada por toda a terra? E, não achada,
 eras luto mais leve. Não respondes nada 655
 a mim; somente arrancas suspiros do fundo
 peito e remuges às palavras e mais nada.
 Mas eu, insciente, te arranjava o facho e o tálamo,
 pondo em ti a esperança de genro e de netos:
 de um rebanho virão teu marido e teus filhos. 660
 E não me é lícito por fim à dor morrendo;
 pois, sendo um deus, a porta da morte me está
 vedada e condenado estou a eterno luto.”
 Assim carpia quando o estrelado Argos
 arrebatava-lhe a filha, levando-a a outra 665
 pastagem. Ele mesmo sentou-se no cimo
 de um alto monte, de onde espia toda parte.
 Não suportando mais os males da Forônide,
 o pai dos deuses chama o filho da brilhante
 Plêiade e ordena que ele entregue à morte Argos. 670
 Sem demora, põe asas nos pés e sonífera
 vara em potente mão e chapéu nos cabelos;
 logo então, da paterna casa desce o filho
 de Jove à terra. Aí retirou o chapéu
 e as penas; só retendo para si a vara. 675
 Serve-se dela como um pastor, tange cabras
 campos afora, enquanto a flauta que fez toca.
 O novo canto apraz ao espião de Juno:
 “Sejas quem for”, diz Argos, “podias sentar-te
 comigo nesta rocha; em nenhum lugar é 680
 mais fértil erva ao gado, e ao pastor a sombra.”
 O filho de Atlas senta-se e falando muito
 deteve o dia que passava, canta à flauta,
 tenta vencer os olhos vigilantes de Argos.
 Mas ele luta por domar o amável sono, 685
 e, mesmo sendo aceito o sono por uns olhos,
 com outro tanto observa. E (sendo a flauta invento
 recente) indaga a causa de sua invenção.
 Logo o deus diz: “Nos gélidos montes da Arcádia,
 entre Hamadriades nonácrinas famosa 690
 Náíade houve; as Ninfas chamavam-na Sírinx.
 Mais de uma vez fugiu de Sátiros e deuses,
 que a perseguiram em umbrosa selva ou campo
 fértil. Por gosto e virgindade dedicou-se,
 à deusa ortígia; ela também poderia 695
 passar-se por Diana, cingida qual Latônia,
 se em chifre não lhe fosse o arco e em ouro o desta.
 Assim mesmo enganava. Ao voltar do Liceu,
 vendo-a Pã, com agudo pinho na cabeça,
 disse-lhe algo...” Restava contar como a ninfa 700
 desprezando-lhe os rogos, fugiu pelos campos,
 até chegar às águas calmas do arenoso
 Lado; ali, impedida de continuar,
 pediu às límpidas irmãs que a transformassem;

e Pã, quando já crê ter Sírinx junto a si, 705
teve-lhe, não o corpo, mas palustres cálamos;
enquanto aí suspira, o vento no caniço
fez um suave som símile a um lamento;
o deus, tomado pela doce e nova arte,
disse: “Estarei sempre em diálogo contigo!” 710
e assim , com cera unindo os diferentes cálamos,
deu a este instrumento o nome da donzela.
Quando contava tais fatos, Cilênio viu
fecharem-se, com sono, os cem olhos do cão.
Logo detém a voz e confirma-lhe o sono, 715
tocando a vara mágica em seus olhos lânguidos.
E, com a espada curva, corta-lhe a cabeça,
na nuca, enquanto cochilava, arremessando-a
contra abrupto rochedo e manchando-o de sangue.
Jazes, Argos; e a luz que havia nos cem olhos 720
se extinguiu e uma só noite se ocupa deles.
A Satúrnia os recolhe em penas de seu pássaro,
enchendo de estreladas gemas sua cauda.
Em seguida, inflamou-se e, sem dar trégua à ira,
lançou horrenda Erinia ante o olhar e o espírito 725
da argólica rival, cravando no seu peito
fero agulhão que, em todo o orbe, aterra a prófuga.
Eras, Nilo, o limite de um labor insano;
quando ela te alcançou, jogou-se de joelhos
em tuas margens e, virando o seu pescoço, 730
do jeito que podia, ergueu o rosto ao céu,
e, com gemido e lágrima e mugido lúgubre,
parece a Jove orar pelo fim de seus males.
Ele, tendo abraçado o pescoço da esposa,
pede que enfim acabe estas penas, e diz: 735
“Não temas; no futuro aquela a ti jamais
causará dor;” e jura pelo estígio pântano.
Como a deusa se acalma, aquela recobrou
o aspecto anterior; do corpo somem pêlos
e chifres e se estreita a órbita dos olhos, 740
e da boca, retornam os ombros e as mãos,
o casco cai dando lugar a cinco unhas;
nada de vaca resta, a não ser a candura;
contente com o uso dos dois pés, a ninfa
se ergue, hesita falar com medo de mugir 745
como rês, e re-ensaia as palavras perdidas.
Agora é deusa celebrada entre os linígeros.
Epafo, crê-se enfim, nasceu dela e do sêmen
do grão Júpiter, tendo nas cidades templos
junto aos da mãe. Era da mesma idade e ânimo, 750
Fáeton, filho do Sol; um dia, presumindo-se,
por ter em Febo um pai, ser melhor que o Inácida,
que não suporta e diz: “Demente, crês em tudo
de tua mãe, inflando-te com pai suposto.”
Fáeton corou e o pejo conteve-lhe a cólera, 755

e conta à mãe Climene os insultos de Epafo:
 “Aumente a tua dor, mãe, saber que eu tão franco
 e feroz me calei; pejou-me não poder
 refutar este opróbrio contra nós lançado.
 Mas tu, se sou de fato de estirpe celeste, 760
 prova-me o berço excelso e me assegura o céu.”
 Dito isso, abraçou o pescoço materno,
 e, por sua cabeça e a de Mérope e as bodas
 das irmãs, pede que lhe mostre o pai real.
 Climene, não se sabe se instada por Fáeton, 765
 ou por causa do insulto, levantou ao céu
 os braços e mirando a luz do sol exclama:
 “Por este ilustre disco de raios faiscantes,
 que nos ouve e vê, juro-te, filho, nasceste
 deste sol que tu vês e que regula o orbe. 770
 Se estou mentindo, que eu nunca mais o contemple
 e esta luz seja para os meus olhos a última.
 Sem fadiga verás os penates paternos;
 o lar onde o sol nasce é junto à nossa terra.
 Se tens coragem, vá lá e pergunta ao próprio.” 775
 Depois que sua mãe falou, regozijou-se
 Fáeton, já imaginando as regiões etéreas;
 cruza a sua Etiópia e a Índia sob sidérios
 fogos, e vai veloz até onde o pai nasce.

Trad.: Raimundo Carvalho